

## APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Berenice Feitosa da Costa Aires - UFT<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho visa apresentar elementos para a construção de alternativas no sentido que o ensino de geografia seja desenvolvido a partir de uma perspectiva de aprendizagens significativas. Decorrente dessa aprendizagem é que se dá a interação entre alunos e professores, onde as situações de ensino são mais significativas e construtivas porque surgem da realidade socioeducativa, onde os objetivos e procedimentos são compartilhados e ressignificados pelos agentes educativos envolvidos. Neste contexto é preciso que o professor seja um intelectual reflexivo e transformador, que compreenda a atual configuração do espaço geográfico e sua prática educativa seja intencionada por princípios que defendem uma prática na sala de aula voltada para a formação de um ser crítico, capaz desde o início do processo de aprendizagem, de criar e construir o saber.

**Palavras-chave:** Aprendizagens significativas. Ensino de geografia. Espaço geográfico.

### ABSTRACT

The present work aims at to present elements for the construction of alternatives in the direction that the geography education is developed from a perspective of significant learnings. Decurrent of this learning it is that if it gives to the interaction between pupils and professors, where the education situations are more significant and constructive because they appear of the educative-socio reality, where the objectives and procedures are shared and new meaning for the involved educative agents. In this context she is necessary that the professor either a reflective and transforming intellectual, who understands the current configuration of the geographic space and educative either intentioned practical its for principles that defend one practical in the classroom come back toward the formation of a critical, capable being since the beginning it learning process, to create and to construct knowing.

**Key Words:** Significant learnings. Education of geography. Geographic space.

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto foi escrito a partir dos diálogos estabelecidos com alunos estagiários do curso de geografia e professores de geografia do Ensino Fundamental e Médio. É um grande desafio desenvolver idéias à respeito de aprendizagens significativas no ensino de geografia, ao perceber no depoimento dos professores ao falarem sobre suas apreciações e as dos alunos a respeito do ensino de geografia, na sala de aula eles revelam uma insatisfação, mas, ao que parece, essa insatisfação dos professores e alunos, diz respeito propriamente à aprendizagem, que na maioria das vezes esta

<sup>1</sup> Professora de Prática de Ensino de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - Mestre em Administração da Educação - Política Planejamento e Gestão. berenice@uft.edu.br

relacionada a memorização e reprodução dos conteúdos do livro didático. Embora não considere a questão da memorização como uma prática tradicional, praticada por alguns professores, porque na verdade o que falta a essa prática de ensino é uma nova abordagem aos conteúdos geográficos, ou seja: dar um significado aos conteúdos que se abordam na escola, não restringindo os mesmos à simples contextualização, mas, a partir das situações contextualizadas, propor problematizações que instiguem a pessoa à busca de soluções e compreensão.

Destacamos que vários autores como: Cavalcanti (1999, 2002); Oliveira (1999); Correa (1986), já publicaram estudos estabelecendo um quadro conceitual de referência para a abordagem de aprendizagem significativa para o ensino de geografia. Nessa linha, os conteúdos curriculares são entendidos como um conjunto de conhecimentos, saberes, procedimentos, valores, construído e reconstruído constantemente no espaço da sala de aula e da escola em geral, através do projeto político pedagógico da escola onde são envolvidos todos os agentes da escola, quando de sua realização.

A tarefa do ensino é a de tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno, o que requer constante diálogo do sujeito do conhecimento, portador de uma cultura determinada, com esses outros objetos culturais, no sentido de atribuir-lhes significados próprios, o que é necessário para um processo de aprendizagem significativa.

Aprendizagem significativa é o resultado da construção própria de conhecimento. É a apropriação de um conteúdo de ensino pelo sujeito, o que implica uma elaboração pessoal de conhecimento.

Ressaltamos que a aprendizagem significativa só será possível, a partir do momento que nós professores de geografia possuímos uma base conceitual que compreenda a atual configuração do espaço geográfico, o que, hoje é possível a partir de alguns autores<sup>2</sup>, que se destacam neste esforço e as produções publicadas nos últimos anos.

Nesse sentido apresentamos os Fundamentos teóricos - Metodológicos da geografia, a partir de um quadro conceitual de referência que explicita o caráter histórico e político do pensamento geográfico e do ensino de geografia, o qual nos permite apresentar algumas perspectivas de aprendizagem significativas.

## **2 QUADRO CONCEITUAL DE REFERÊNCIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Nosso objetivo aqui é apresentar a diversidade de abordagens conceituais, apresentada por diversos autores citados anteriormente, que consideram que os estudos sobre a história do pensamento geográfico, a teoria da geografia e seu ensino, são fundamentais para tornar consciente a

<sup>2</sup> Lembramos alguns nomes como: Milton Santos, Ruy Moreira, Ana F. Alessandri Carlos, Ariovaldo Umbelino de Oliveira entre outros.

prática pedagógica dentro de uma perspectiva de aprendizagem significativa. Apresentamos o quadro conceitual<sup>3</sup> de referência do espaço geográfico e do ensino de geografia, com os conceitos, de lugar, paisagem, região, território, natureza e sociedade, segundo o pensamento humanístico, crítico/dialético, pós-moderno e tradicional. O que nos ajuda a compreender a atual configuração do Espaço geográfico.

Na linha do pensamento Humanística o conceito de **LUGAR** pode ser assim entendido: "Espaço que se torna familiar ao indivíduo, espaço vivido, experienciado" (CAVALCANTI, 1999, p.89). **Orientação teórica:** A Geografia humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982, p.143). Para Tuan, a tarefa do geógrafo humanista é exatamente a de saber como um espaço pode se tornar lugar. "Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]" (TUAN, 1983, p.6).

No pensamento **Crítico/dialético:** Considerado no contexto do processo de globalização. Requer a análise das particularidades dos lugares, que permanecem, mas que não podem ser entendidas nelas mesmas. "No lugar, a globalização se manifesta conforme suas particularidades e em função de suas possibilidades. A eficácia das ações, em nível global, depende das possibilidades de sua materialização nos lugares" (CAVALCANTI, 1999, p.90).

O lugar [...] ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. "Só é possível o entendimento do mundo moderno a partir do lugar, na medida em que este for analisado num processo mais amplo" (CARLOS, 1996, p.303).

No pensamento **Pós-moderno:** Coloca em questão a noção de totalidade para a explicação do lugar. O lugar, na perspectiva pós-moderna, não seria explicado pela sua relação com a totalidade, visto que o todo desapareceria e cederia espaço ao fragmento, ao micro, ao empírico individual (CAVALCANTI, 1999, p.90).

A totalidade é uma categoria tautológica, que revela um novo determinismo geográfico. A única coisa que tem existência empírica e, portanto, é possível se analisar, é o lugar, o fragmento, o indivíduo. A totalidade só pode ser uma idéia, a soma dos fragmentos, mas muito dificilmente uma realidade empírica. (SILVEIRA, 1993, p.204).

Ainda segundo Milton Santos, os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o indivíduo. Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. "Todos os lugares são virtualmente mundiais" (SOUZA, 1995), mas também exponencialmente diferentes dos demais. A uma maior globalidade

<sup>3</sup> A discussão mais aprofundada desse quadro encontra-se nas orientações curriculares de geografia do Departamento de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

corresponde uma maior individualidade. Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte, mas também não se pode levar em conta apenas os fenômenos mais gerais dominados pelas forças sociais globais. É preciso redescobrir a dimensão local.

Esta categoria da existência presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta variáveis como os objetos, as ações, a técnica e o tempo (SANTOS, 1996b, p.252).

Em relação ao conceito de **PAISAGEM** no pensamento tradicional foi bastante evidenciada, tornando-se, para determinados teóricos, o próprio objeto dessa ciência (CAVALCANTI, 1999, p.97). Termo usado para descrever o aspecto global de uma área. A paisagem física refere-se aos efeitos combinados das formas do terreno, vegetação natural, solos, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural inclui todas as modificações feitas pelo homem (Dicionário de Geografia - Small e Witherick, 1992, p.191).

Este conceito servia como foco de análise tanto para quem defendia ser a geografia uma ciência, em busca da individualidade dos lugares (regional), quanto para quem buscava leis e regularidades em diferentes lugares (geral). Método: observar e descrever a natureza visível e os traços objetivos dos lugares. Explicação objetiva e partindo do concreto (CAVALCANTI, 1999, p.97).

No pensamento **renovado** desconsidera a observação e a descrição como métodos. Propõe a revolução teórico quantitativa. (CAVALCANTI, 1999 p. 98). "Então, paisagem, conceito insatisfatório para preencher os requisitos do paradigma da Geografia [...] foi substituído pela noção de sistema espacial ou organização espacial" (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 81). "o objetivo de substituição do paradigma foi o superar a abordagem da descrição da paisagem para a busca de estrutura e processos responsáveis por um sistema espacial". (CAVALCANTI, 1999, p.98).

No pensamento **Humanístico** retoma o conceito de paisagem, enfatizando seu caráter subjetivo. "Uma composição mental resultante de uma seleção e estruturação subjetiva a partir da informação emitida pelo entorno, mediante o qual este se torna compreensível ao homem e orienta suas decisões e comportamentos". (MENDOZA in CAVALCANTI, 1999, p.98).

No pensamento **Crítico/dialético** é o domínio do visível, que está na dimensão da percepção (que é um processo seletivo de apreensão), mas sua análise precisa ultrapassar a paisagem como aspecto percebido para compreender seus determinantes mais objetivos. (CAVALCANTI, 1999, p.99).

Para Santos (1988, p.61), tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc..

A paisagem é a materialização de um instante da sociedade. Cada paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. (id. *Ibid.*, p.62)

É um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade ou por qualquer outro critério (id. *Ibid.*, p.65).

A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo de produção, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências do espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. (id. *Ibid.*, p.66).

A paisagem, porém, não é total, mas parcial. Ela é sempre setorial, um fragmento e por isso mesmo sua percepção nos engana e não nos pode diretamente conduzir à compreensão do real, porque nunca se dá como um todo. (id. *Ibid.*, p.76).

O conceito de **REGIÃO** pode ser entendido como entidade autônoma, área auto-suficiente. Dualidade no conceito: Região natural - com origem no determinismo ambiental; Região geográfica - com origem no possibilismo de La Blache (CAVALCANTI, 1999, p.112).

A Região natural é entendida como uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizada pela uniformidade, resultando da combinação ou integração em área dos elementos da natureza (CORRÊA, 1986, p.23).

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam, de modo harmonioso, componentes humanos e natureza. "A idéia de harmonia [...] constitui o resultado de um longo processo de evolução, de maturação da região [...] assim concebida é considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, supondo, portanto, uma evolução é um estágio de equilíbrio [...] O que importa é que na região haja uma combinação específica da diversidade, uma paisagem que acabe conferindo singularidade àquela região". (CORRÊA, 1986, p.28,29). Esta concepção foi mais forte, equivalente ao conceito de paisagem.

No pensamento **renovado** o conceito de região é entendido como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares "[...] As similaridades e diferenças entre lugares são definidas através de uma mensuração na qual se utilizam técnicas estatísticas descritivas [...] isso significa que não se atribui a elas nenhuma base empírica prévia". (CORRÊA, 1986, p.32, 33).

Nesta concepção, a região é um instrumento de divisão do espaço segundo determinados critérios definidos *a priori*; a cada critério ou conjunto

de critérios corresponderia uma regionalização ou divisão do espaço. Não se postula, assim, a existência concreta e objetiva de regiões na superfície terrestre. (CAVALCANTI, 1999, p. 103).

No pensamento **humanística** região existe como uma referência na consciência das sociedades e "define um código social comum que tem uma base territorial. [...] Consciência regional, sentimento de pertencimento, mentalidades regionais são alguns dos elementos que estes autores chamam a atenção para revalorizar esta dimensão regional como um espaço vivo Resultado da relação de pertencimento e identidade entre os homens e seu território." (GOMES, 1997, p. 67).

Conceito de equilíbrio entre fenômenos de pequenas e grandes dimensões, espaço médio, menos que a **nação** e mais vasto que o espaço social do grupo (lugar). Integra lugares vividos e espaços sociais com coerência e especificidade. (FREMONT In CAVALCANTI, 1999, p. 105). Aproxima-se do conceito de lugar.

No pensamento **crítico-dialético** num primeiro momento entendeu-se que o capitalismo homogeneizante faria desaparecer a região. Combatendo esta visão - região no capitalismo é a dimensão espacial do desenvolvimento desigual e combinado: "região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado [...] Ela não tem nada da preconizada harmonia, não é única [...], mas particular, ou seja, é a especificação de uma totalidade da qual faz parte". (CORREIA, 1986, p.45, 46)".

Para Milton Santos, a região é também entendida numa perspectiva de totalidade, mas agora na globalização. As regiões são subdivisões do espaço: do espaço total, do espaço nacional e mesmo do espaço local: são espaços de conveniência, lugares funcionais do todo, um produto social (SANTOS, 1988, p. 1).

Diante da redefinição de fronteiras e do novo papel do Estado: "faz com que as regiões se transformem continuamente, legando, portanto, uma menor duração ao edifício regional. Mas isso não suprime a região; ela apenas muda de conteúdo".(SANTOS, 1988, p.3).

O conceito de **TERRITÓRIO** presente nas formulações teóricas de Ratzel (Estado, Território e Espaço Vital) - vincula a idéia de território e poder como se o Estado fosse o único núcleo de poder. Baseia-se numa geografia unidimensional, o que não é aceitável, na medida em que existem múltiplos poderes que se manifestam nas estratégias regionais ou locais (RAFFESTIN, 1993, p.17).

No pensamento **renovado** novamente o território é compreendido apenas do ponto de vista do poder estatal. O estado é associado ao progresso e a geografia dedicava-se a fazer estudos sobre a melhor localização para as indústrias, sobre a qualidade da mão de obra disponível em determinada região, estudos sobre necessidades viárias para implantação de indústrias, etc.

No pensamento **crítico dialético**, o território é produzido pelos homens, por atores sociais nas relações de poder tecidas em sua existência; poder como uma força dirigida e orientada, canalizada por um saber, enraizado no trabalho e definido por duas dimensões: a informação e a energia (CAVALCANTI, 1999, p.1 07).

Definido a partir de um sistema composto de tessitura, nós e redes. Está ligado, ou contém os conceitos de limite (zonal e linear), fronteiras, vizinhança, acessos, convergências, territorialidade. "O espaço é anterior ao território. Ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territorializa' o espaço".(RAFFESTIN, 1993, p.17) Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores que 'produzem' território. De fato, o Estado está sempre organizando o território nacional por intermédio de novos recortes, de novas implantações, de novas ligações, "O mesmo se passa com as empresas ou outras organizações [...] O mesmo acontece com um indivíduo que constrói uma casa [...] Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores que produzem território". (RAFFESTIN, 1993, p.152-153).

O território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade) e os 'outros' (os de fora, os estranhos) (SOUZA,1995, p.86). Para este autor, o território não é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, "as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial." (SOUZA. 1995 p.97).

Para Milton Santos o território é definido por relações tensas entre as racionalidades globais e as realidades locais. Quando as primeiras se sobrepõem as segundas, há uma fragmentação do território, que se torna objeto de ação de empresas preocupadas com suas próprias metas. Este poder das empresas desagrega, exclui, fragmenta, subtrai a autonomia do resto dos atores (SANTOS, 2000, p.86).

Territórios, hoje, são regulados através de ações normadas e de objetos técnicos, impostos pelo processo produtivo tecnicamente fragmentado. Esta divisão do trabalho impõe formas novas de cooperação e controle. As novas necessidades de complementaridade exigem necessidades de regulação e controle estrito, mesmo à distância. Daí a tensão global local resultando em territórios (SANTOS, 1996b, p.185).

O conceito de **NATUREZA** no pensamento tradicional apresenta a concepção positivista visão de natureza ancorada na posição organicista de base biológica. Surgem as idéias de processo evolução e mudança progressiva. A natureza é algo inacabado, em desenvolvimento. É vista como recurso na concepção ratzeliana de espaço vital - vinculada ao projeto imperialista alemão.Vista também como recurso - na concepção vidalina de gênero de vida - idéia de **equilíbrio entre a população e os recursos** vai

originar os estudos regionais, idéia de região geográfica, marcadamente natural, mas do ponto de vista da potencialidade de uso da população.

No pensamento **renovado** apresenta a visão utilitária da natureza - recurso para a indústria ou objeto de planejamento para o bem estar do homem. Vai originar pesquisas encomendadas pelo capital e pelo estado. Ex: mapear as jazidas minerais (não esquecer que essa linha é contemporânea ao início do sensoriamento remoto, das fotos aéreas, e outras técnicas de observação e controle do espaço).

No pensamento **crítico-dialético** a visão de natureza esta baseada na concepção dialético materialista, mantém uma idéia evolucionista e historicista de natureza e sociedade, tentando integrá-las sem identificar uma com a outra. As categorias de totalidade e contradição são tomadas para conduzir o entendimento de natureza tanto como anterior e exterior ao homem, como também parte do próprio homem (PEREIRA, 1989, p.74). Também Smith (1988) sugere a organização deste conceito em dois pólos: de um lado a natureza entendida como externa, como reino dos objetos e dos processos que existem fora da sociedade; é primitiva, criada por Deus e autônoma. De outro lado, a natureza é concebida como universal. O conceito de natureza obrigaria, assim, um dualismo entre exterioridade e universalidade (CAVALCANTI, 1999, p.113). A tentativa marxista de superar este dualismo propõe a interação metabólica através do trabalho. Na relação sociedade natureza, a distinção entre primeira e segunda natureza seria o caminho da renovação do conceito de natureza a partir de seus valores de uso e de troca. Compreender a produção da natureza nas condições concretas do capitalismo. Há uma forma de subordinação da primeira natureza pela segunda.

No pensamento **Pós-moderno**, o conceito de natureza é derivado da concepção dialética da natureza, tende a pensá-la no contexto da questão ambiental. Ex. definição de meio ambiente, formulado por Reigota "O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído." (REIGOTA apud CAVALCANTI, 1999, p.114). Parte da idéia de natureza produzida socialmente e em interação com a sociedade em todas as suas dimensões. Essa concepção pode fundamentar uma ética de 'nova aliança' da sociedade com a natureza através de práticas dialógicas. Ainda citando Reigota "... se busca estabelecer com a natureza um outro tipo de comunicação que não seja o monólogo do cientista que decifra as suas leis do universo, mas o diálogo entre o cientista e a natureza, considerando que ela não é passiva nem simples como as leis que os observadores procuram lhe determinar, mas sim complexa e múltipla" (REIGOTA apud CAVALCANTI, 1999, p.115).

O conceito de **SOCIEDADE** nas teorias geográficas chamadas tradicionais, sociedade e natureza são conceitos tratados separadamente, marcados pelo dualismo e antagonismo.

No pensamento **crítico-dialético** esse conceito foi construído do ponto de vista geográfico, a partir de alguns aspectos como: a relação da sociedade com a natureza; as relações sociais materializadas no espaço geográfico; o fenômeno da globalização da sociedade e do espaço (CAVALCANTI, 1999, p.18). A superação da dicotomia sociedade - natureza "pode ser alcançada através do materialismo histórico enquanto teoria que considera simultaneamente a relação do homem com a natureza e a relação do homem com o homem" (PEREIRA, 1989, p.74). Assim, a história da sociedade inscreve-se na história de sua relação com a natureza, transformando-a e transformando-se a si própria, num mesmo processo. A sociedade produz seus meios de vida a partir de um intercâmbio com a natureza, porém esse intercâmbio dependerá de como essa sociedade concebe (historicamente) seus meios de vida: Como a sociedade, através do trabalho. Transforma a natureza, em função de suas necessidades de sobrevivência e como, com isso, se transforma. (CAVALCANTI, 1999, p.118).

No pensamento **Pós-moderno** a análise da estrutura de classes sociais antagônicas, do ponto de vista econômico, é insuficiente para apanhar o movimento essencial da sociedade. É preciso considerar a globalização e a mundialização da cultura, da economia, do espaço e do tempo.

As diferentes sociedades do planeta passam a ser regidas por um mesmo padrão de produção material, social e cultural, mas não significa dizer que as diversidades e tensões, locais, nacionais e mundiais desapareceram. A globalização sugere, de um lado, a homogeneização (da produção, das trocas, do capital, das técnicas, dos usos e costumes dos valores, etc.) e de outro, mantém e intensifica as desigualdades e contradições sociais.

Consideramos que esses fundamentos Teóricos-Metodológicos da geografia são orientações necessárias, mas não suficientes, para que os conteúdos da geografia possam ser abordados a partir de uma perspectiva de aprendizagem significativa. É preciso que o professor assuma seu papel de sujeito que pensa e produz conhecimento.

### **3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Na perspectiva de aprendizagem significativa no ensino de geografia, consideramos aprendizagem significativa como resultado da construção própria de conhecimento. É a apropriação de um conteúdo de ensino pelo sujeito, o que implica uma elaboração pessoal do objeto de conhecimento. Que realiza-se com a mediação do professor que tem o papel de intervir no processo de construção pelo aluno. Essa mediação se faz a partir da cultura escolar<sup>4</sup>, com o conjunto de conhecimentos sistematizados na ciência, no caso a geografia. Nesse sentido o professor como mediador desse processo deve ir além da apresentação dos conteúdos geográficos.

Todo esse processo requer que os conteúdos ensinados seja confrontados com a cultura geográfica do aluno, com a chamada geografia

<sup>4</sup> De acordo com Cavalcanti (2002) é o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados e normatizados, constituem habitualmente objeto de uma transmissão deliberada na escola.

cotidiana, para esse confronto/encontro possa resultar em processo de significação e ampliação da cultura do aluno.

Para um melhor entendimento desse papel de mediar a relação do sujeito com o objeto/conteúdo, no ensino, vale a pena deter na concepção sócio construtivista apresentada por Cavalcanti (2002, p. 312):

A perspectiva socioconstrutivista concebe o ensino como uma intervenção intencional nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, buscando sua relação consciente e ativa com os sujeitos de conhecimentos. Esse entendimento implica, resumidamente, afirmar que o objetivo maior do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno. Tais ações devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser "inserido" no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que leve a um desejo de conhecê-lo.

Em propostas construtivistas do ensino de geografia importa, então trabalhar com conteúdos que, ensinados pela mediação do professor interfiram na atividade do aluno como sujeito do conhecimento. Essa atividade, por sua vez, é impulsionada pela busca de atribuir significados aos conteúdos que são apresentados.

Nesse sentido o professor precisa entender o que é preciso fazer para que esse processo de atribuir significado aos conteúdos ocorra. No caso específico da geografia, trata-se de ajudar os alunos a desenvolver modos de pensar geográficos, ou seja, internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade, ter consciência da espacialidade das coisas. Esse modo de pensar geográfico é importante para a realização de práticas sociais variadas, já que elas são sempre práticas socioespaciais. O movimento dialético entre as pessoas e os espaços, forma as espacialidades. O que torna o conhecimento geográfico importante para a vida cotidiana. A vida cotidiana hoje é composta de arranjos espaciais, de relações complexas. E a compreensão da complexidade do espaço geográfico global pelo cidadão torna-se cada vez difícil se ele não dispõe de referências conceituais sistematizadas, para além das referências cotidianas.

Outro aspecto a ser considerado na escolha de conteúdos significativos para o aluno é a relevância social destes, pois, se é importante pensar na relevância que o conteúdo pode ter para o aluno, em sua vida e realidades imediatas, em sua diversidade, é também necessário não perder de vista a importância sócio-política desse conteúdo, contextualizando-o e analisando seu potencial para compor uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla, daí contemplando a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço global e dos espaços locais.

Nos conteúdos de geografia deve-se inserir o debate da relevância de se trabalhar com o local e o global ao mesmo tempo. Por que a realidade social hoje é marcada pelo processo de globalização, e nesse processo encontra-se um elemento contraditório e interdependente, que é a reafirmação de culturas, de espacialidades, de experiências locais.

Para a abordagem de conteúdos geográficos na perspectiva de construção de conhecimentos, Callai destaca a importância de se trabalhar as escalas do lugar e do mundo, conforme suas palavras:

Os fenômenos que a geografia estuda têm que ser considerados como resultados de um processo histórico situado num determinado local, mas considerado também na perspectiva internacional/global. Afora ter sido sempre uma característica da geografia estudar as questões numa perspectiva de escala de análise que dê conta dos diversos níveis territoriais, hoje nos colocamos fundamentalmente como categorias de análise o local cotidiano e o global, acrescido do regional. Quer dizer, os níveis local e regional, que são o mundo mais fisicamente mais próximo do aluno, acrescido do nacional, se põem sempre na perspectiva da mundialização, dos aspectos internacionais. Num mundo em que a globalização se faz sentir em todos os aspectos afetando as vidas de todos os homens em todos os lugares, não faz sentido estudar fenômenos ou lugares isolados, mas inseridos na complexidade global (CALLAI, 1999, p. 82).

Uma outra perspectiva de aprendizagem significativa tem a ver com a incorporação do conceito por parte do aluno de uma forma não mecânica e de possibilitá-lo "manusear" o conceito, ou seja, aplicá-lo a diferentes situações. Na aprendizagem significativa o professor trabalha em sala de aula com dados que não levam a generalização das informações apresentadas e também organiza procedimentos que levam em conta o conhecimento prévio dos alunos. De acordo com Ausubel (1968), existem três tipos de aprendizagem significativa:

1 - Aprendizagem significativa subordinada: a nova idéia aprendida encontra-se hierarquicamente subordinada à idéia preexistente, ou seja, há a apresentação de conceitos mais inferiores ligados ao superior. Em se tratando do ensino de geografia, podemos entender que para a aprendizagem do conceito de espaço geográfico há a necessidade de o aluno entender o conceito de lugar ou, que na aprendizagem do conceito de globalização, há a necessidade de o aluno entender conceito de modo de produção. Essa aprendizagem subordinada é dividida em inclusão derivativa e correlativa. Na primeira, a nova informação chega para exemplificar ou apoiar um conceito sem que ele se modifique (para ilustrar ou exemplificar); na segunda, ocorre à apreensão do novo conceito que estava sendo aprendido.

2 - Aprendizagem supra-ordenada: as idéias que se têm sobre um conceito são, ao contrário do item anterior, muito mais específicas e de menor nível de generalidade, abstração e abrangência que a que se tenta adquirir. Um exemplo que cabe aqui, para a área de geografia, é a compreensão do conceito de migração. Quando se compreendem os deslocamentos populacionais, compreende-se esse conceito.

3 - Aprendizagem combinatória: os conceitos são apreendidos por analogia e todos ficam no mesmo nível, ou seja, não se passa de um grau maior para um menor de apreensão conceitual. Na área de geografia, podemos entender esse item quando se aprende o conceito de industrialização ligado ao de cidade. Cada um deles é carregado de especificidades. No entanto, pode-se correr o risco de não estabelecer relações quando não se estudam as particularidades de cada um na afirmação de que a cidade gerou indústria.

Para Ausubel, a aprendizagem significativa subordinada é a mais importante para a aquisição do conhecimento. Do contrário, haverá a aprendizagem memorística, em que os conteúdos ficam relacionados de forma arbitrária.

Ainda podemos identificar uma outra perspectiva de aprendizagem significativa no ensino de geografia em sala de aula, onde as atividades são propostas pelos professores aos alunos na forma de problemas de aprendizagem. Ou seja, a situação-problema aborda exatamente situações e problemas instigadores que motivam os alunos a aprender. Aprender significa buscar resposta na teoria (conteúdos), para compreender as situações e resolver os problemas da realidade. Segundo Berbel (1998, p.32).

A resolução de problemas como método de ensino não é uma novidade pedagógica. Foi desenvolvida a partir de idéias de Dewey, no início deste século. Dewey propunha a solução de problemas como forma de desencadear o pensamento reflexivo, como a forma mais elevada de pensamento. Onde o papel da escola seria criar condições favoráveis para os alunos desenvolverem formas de pensar reflexivamente, de modo a atingir uma lógica no ato de pensar.

Segundo a mesma autora o conceito do método de Resolução de problema: A partir de um problema, busca-se compreendê-lo, fundamentá-lo, buscam-se dados para isso, que são analisados e discutidos; por último, são elaboradas hipóteses de solução, que devem ser colocadas em prática para serem comprovadas e validadas.

Dessa forma a aprendizagem significativa desenvolvida através do método de resolução de problematização dos conteúdos, ocorre partindo de situações e problemas da realidade e buscando na teorização respostas para compreendê-la e reconstruí-la. Assim sendo fica patente que o processo tem sua origem na realidade e, no final, volta à realidade. A volta à realidade se dá

em nova dimensão, tendo o aluno adquirindo conhecimento argumentativo para a compreensão e reconstrução fundamentada da sua realidade local e global. Para Hengemuhle (2004, p.104), os conteúdos são desenvolvidos através dos seguintes passos:

**1-Identificar situações-problema na realidade** - É nesse momento que o professor leva os alunos a observar a realidade, apresentando uma ou mais situações e problemas que eles sejam capazes de compreender. O professor, orientado pelo conteúdo a ser desenvolvido, conduz as situações e os problemas para esse foco.

**2- Hipóteses de solução, antes da teorização** - Os alunos são instigados a resolver as situações-problema, a partir de seus achismos, ou seja, do seu senso comum, antes da fundamentação teórica dos conteúdos.

**3- Teorização/conteúdo** - Fazendo-os recorrer a teóricos do assunto que está sendo abordado, em livros, textos, ou outras fontes, o professor leva os alunos a buscarem fundamentos que permitam explicar, refletir, analisar as situações-problema em foco, à luz da teorização.

**4-Hipóteses de solução, com argumentação fundamentada teoricamente**

- Agora o aluno já tem condições e fundamentos para analisar as hipóteses anteriores, não com achismo, mas com fundamentação. Já conseguirá argumentar sobre os porquês, dizer a partir de quem, ou de quê pensa do jeito que pensa. Ter posicionamento crítico, tão alardeado nos meios educacionais, isto é, ter critérios para justificar o que se afirma. Ser criativo, pois o sentido de fazer, fundamentado teoricamente, abre os horizontes do pensamento e cria clima fértil para a iniciativa, a criatividade.

**5- Compreensão, aplicação, reconstrução da realidade** - Chega-se novamente à realidade. Agora em outro nível de compreensão. Aplicação do conhecimento, o agir na reconstrução da realidade, será ainda mais qualificada se os problemas abordados sensibilizaram os alunos e os levarem a construção de conhecimentos dentro dos quatro pilares da educação: ser, conhecer, fazer e conviver. Essa base de conhecimento e de valores possibilitará à pessoa ser sujeito da sua história, estar preparada, segundo nossos discursos, para a transformação do meio.

Pensamos ser possível essa prática pedagógica para os conteúdos do ensino de geografia, pois os mesmos são abordados a partir de categorias de análise do espaço geográfico que são: a relação espaço-temporal e a relação sociedade-natureza. Na relação Sociedade-Natureza; considera-se que não é pertinente, a um ensino que se pretende crítico, abordar os fenômenos naturais isoladamente, sem relacioná-los com a maneira como afetam as sociedades e como as ações da sociedade os alteram. Essa categoria analítica esta presente na abordagem dos conteúdos geográficos como, por exemplo, os fenômenos como furações, terremotos, vulcanismo, tectonismo, clima, ou objetos como modelados de relevo, cobertura vegetal primitiva, bacias hidrográficas, entre outros só fazem sentido no ensino de geografia, numa abordagem pedagógica(problematizadora) em que sejam localizados e que se discuta a maneira como afetam e são afetados/modificados pelas

organizações sociais, políticas e econômicas das sociedades próximas ou distantes.

Também dentro da categoria Espaço-Temporal, para se entender a configuração contemporânea do espaço, é necessário um olhar sobre o processo histórico de sua construção. As razões que levaram à ocupação de uma determinada área, as atividades, a estrutura social e política ali estabelecidas e a materialidade construída inicialmente, bem como a sobreposta a ela no decorrer do tempo formam um conjunto de fatores fundamentais para a explicação daquela área na atualidade.

Assim, todos os conteúdos da geografia pressupõem a análise das relações espaço-temporais, e poderão ser abordados dentro de uma perspectiva de aprendizagem significativa. Desde que os professores de geografia estejam atentos para a necessidade de reconhecimento e compreensão das interações e relações sociedade-natureza, que resultam em intervenções, transformações, mudanças e rupturas tanto no contexto social quanto no contexto físico-natural.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essas perspectivas de aprendizagem significativas que se apresentam como uma proposta de ensino para o professor de geografia aqui levantada objetiva provocá-los, fazê-los buscar, novamente, os fundamentos da geografia, retomar leituras de sua formação inicial para aprofundá-las e rediscuti-las, enfim, recriar o ambiente de estudos e debates tão necessário ao exercício da docência.

Neste contexto, o professor de geografia deve estar apto a aplicar em suas aulas os conhecimentos adquiridos durante sua formação inicial a partir da Psicologia e Didática Geral, reconhecendo as características cognitivas dos alunos, elaborando aulas que não só se diferenciem por seus objetivos e por seus procedimentos didáticos como por respeitar o processo cognitivo dos alunos.

Dentre as atribuições didático-pedagógicas de um professor de geografia, destacamos a existência de um compromisso reforçado com a tarefa de compreender, ensinar e construir relações entre aspectos semelhantes de distintos lugares da terra, em diferentes escalas espaciais e temporais, buscando explicações para esses fenômenos e processos. Um dos caminhos é a correlação de aspectos teóricos e diferentes linguagens gráficas e cartográficas à observação de paisagens e ao estudo das relações da sociedade com o espaço geográfico que constroem. Essa visão a respeito da geografia que se ensina vai de encontro às exigências do mundo da educação, que requisita professores cada vez mais bem formados, dispostos a desenvolver atividades diferenciadas nas quais conteúdo e aprendizagem significativas façam parte de um mesmo projeto de ensino.

Nesse sentido é relevante também para os professores de geografia enfrentar o desafio de se considerar entre outras, a "cultura geográfica" dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos.

É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontadas, discutidas e ampliadas com o saber geográfico mais sistematizado que é ensinado na escola.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, D. **Educational psychology: a cognitive view**. New York: Holt, Rinchart and Winston, 1968.

BERBEL, N. A. N. (Org.). **Metodologia da problematização** - Experiências com questões de ensino superior. Londrina: UEL, 1998.

CALLAI, H. C. A. A Geografia no Ensino Médio. In: AGB- Associação do Geógrafos Brasileiros. **As Transformações no mundo da educação**. *Revista terra livre*, n. 14, 1999.

CARLOS, A.F.A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia Escola e Construção do Conhecimento**. Campinas: Papirus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia Ed. Alternativa, 2002.

CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CORREA, R.L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo Ática, 1986.

GOMES, P.C.C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HENGEMULHE, A. **Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ ed. Vozes, 2004.

OLIVEIRA, A.U. de Geografia e Ensino: Os Parâmetros Curriculares Nacionais em Discussão: In CARLOS, A.F.A.; OLIVEIRA, A.U. (Org.). **Reformas no Mundo da Educação**: Parâmetros Curriculares e Geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

RAFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo** Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1996a.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço Técnica e Tempo Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.